

# “Na Nicarágua há mudanças. Não as que queríamos, mas há”

## ENTREVISTA

Coordenadora de escola da Via Campesina na América Central analisa conjuntura do continente e do país governado por Daniel Ortega

**Cristiane Passos, Ignacio Cirio e Joana Tavares** de Manágua (Nicarágua)

HÁ MAIS DE 25 anos morando na Nicarágua, Julia Margarita Trujillo entende de internacionalismo. Lutou na guerrilha por mudanças na Guatemala, onde nasceu, morou em Cuba – onde nasceu sua filha – e hoje é coordenadora da Escola Proletária Camponesa Internacional Francisco Morazán, da Via Campesina, onde são realizados cursos de formação em cooperativas, produção, gênero e política.

Há sete anos organizada formalmente, a escola já era referência para os movimentos camponeses e sindicalistas rurais, organizados pela Associação dos Trabalhadores/as do Campo (ATC), que trabalha desde o final dos anos 1970 na Nicarágua. “Me considero uma cidadã centro-americana, feminista, comprometida com a luta camponesa, proletária e que acredita no que estamos fazendo”, se apresenta.

“Se há 40 anos me falassem que eu estaria fazendo isso, ia pensar que era desvio ideológico, mas me sinto contente quando vejo que há mudanças na vida das pessoas, que há melhorias no campo, que as mulheres estão mais empoderadas, que os homens estão começando a lavar pratos”, diz, em entrevista ao **Brasil de Fato** e à Rádio Mundo Real, da associação Amigos da Terra Internacional, durante a I Escola Latino-Americana de Comunicação da Cloc-Via Campesina.

**Há um acúmulo de muitos saberes, de companheiros históricos, que agora são sessentões, setentões, mas que começaram essa luta nos anos de 1970”**

**Brasil de Fato – Como começou a funcionar a Escola Francisco Morazán?**

**Julia Margarita Trujillo** – Começamos a trabalhar com este nome – Francisco Morazán – e com alguma estrutura mais formal há sete anos, como decisão da Via Campesina de formar sua escola política e ideológica. Este local, histórico para nós, para toda a América Central, foi conquistado como produto da reforma agrária; era uma fazenda abandonada de um coronel somozista. Durante muitos anos, aqui funcionou a escola política ideológica da Associação dos Trabalhadores do Campo (ATC), ainda que não tivesse o nome de escola. Aqui há um acúmulo de muitos saberes, de companheiros históricos, que agora são sessentões, setentões, mas que começaram essa luta nos anos de 1970, quando tínhamos 20 e poucos anos.

**Quem foi Francisco Morazán, que dá nome à escola?**

Foi um lutador centro-americano pela liberdade, em 1821. Depois da independência na América Central, formou-se uma corrente de pensamento contra a Igreja Católica, como Sandino, Francisco Morazán, em Honduras, Justo Rufino Vargas, na Guatemala, Farabundo Martí, em El Salvador. Todos esses lutadores que são vistos com botas e chapéus se armaram para lutar contra a intervenção imperialista, contra os gringos que queriam se apoderar da América Central, e não estavam de acordo com o novo modelo, em que a Espanha seguia controlando através da Igreja. Então começou a surgir uma corrente de pensamento laica, que levou a movimentos anti-imperialistas, que buscava uma América Central unida, com uma capitania geral na Guatemala – não eram as regiões separadas são hoje. E quem dirigiu esse processo foi Francisco Morazán. Seu pensamento era centro-americano, anticlerical, anti-imperialista. Somos herdeiros dele e queremos legar para todo mundo seu pensamento, por uma América Central unida.



Vista da Escola Proletária Camponesa Internacional Francisco Morazán

**Por que é necessário para um movimento camponês essa formação político-ideológica?**

Nós seguimos tendo a utopia de um mundo melhor, diferente, de uma distribuição equitativa da riqueza e da terra. Nossa geração, nos anos 1960, 1970, pensava que essas mudanças eram possíveis pela luta armada, uma forma violenta de fazer as transformações. Éramos marxistas, na maioria. As coisas mudaram. O mundo mudou. Era mais fácil naquela época, era mais claro o inimigo, era mais claro o que queríamos fazer. Agora algumas coisas são mais dispersas. Todo o tema da tecnologia é muito forte, entre os jovens principalmente. O celular, por exemplo, é uma faca de dois gumes; chega aos últimos rincões da Nicarágua, da Guatemala, de El Salvador... Os jovens têm celular ainda que não tenham energia elétrica; caminham quilômetros para carregar o aparelho. E aí entram milhões de coisas, com toda a força que têm os meios de comunicação, os recursos vinculados à tecnologia, a força dos modelos de vida. Hoje, essa disputa é complexa. Naquele tempo era mais fácil, tínhamos caminhos mais curtos; difíceis, fortes, mas mais curtos. Hoje precisamos ter uma formação político-ideológica, mas também com uma base técnica, produtiva, porque temos que entrar também pela comida. Não podemos falar de mudanças de sistema com o estômago vazio. É muito importante nesse sentido conhecer a memória histórica. Que as jovens e os jovens saibam que o que têm agora, por pouco que seja, custou centenas de vidas. E estamos falando de pessoas jovens, que tinham um compromisso político e morreram por isso. Agora os jovens morrem por outras coisas, mas seguem morrendo. As

**“Não podemos falar de mudanças de sistema com o estômago vazio. É muito importante nesse sentido conhecer a memória histórica”**

pessoas no campo, os cortadores de café, morrem de câncer no sangue, nos ossos, por causa de todos os químicos que usam nas plantações. Não é um caso apenas, são muitos. Antes se morria por outra coisa. E os jovens conhecem pouco a história. O papel da Escola

é fazer com que essa quantidade de jovens que passam por aqui possa ter outra referência, para que vejam que há outras formas de viver, de se relacionar, de transmitir conhecimentos, de aprender. Quando a gente se apropria de uma forma de pensamento, de ver o mundo, estamos avançando a formas diferentes de vida.

**“O mais pobre dos pobres, que só tem a força de trabalho para vender, não é um camponês, é um proletário agrícola”**

**Sua própria história pessoal te vinculou à luta desde jovem. Por que, na sua opinião, na América Central e em toda a América Latina há uma ofensiva tão forte no campo?**

Comecei a militar quando tinha 19 anos, passei quase toda minha vida com um compromisso político. A razão que me levou a pensar que teria que haver uma mudança na América Central, e naquele momento a via para isso era a luta armada – era a má distribuição de riqueza. E nossos países eram – e seguem sendo – agrários. Nicarágua e Guatemala vivem da produção de alimentos. Poucas famílias eram donas de grandes latifúndios. E isso não mudou. Houve uma reforma agrária na Nicarágua, que foi onde mais mudou a forma de propriedade da terra, mas nenhum outro país mudou, a propriedade segue nas mãos de poucas famílias. E agora há ainda a narcoguerra. Muitas terras estão nas mãos de narcotraficantes. Não só os narcotraficantes as compraram, como muitos proprietários de terra agora são traficantes. Essas são as mudanças mais visíveis. Quando eu era jovem e fazia faculdade de psicologia, começamos a visitar os campos onde se cortava algodão e café na Guatemala. E 76% da população é indígena, com mais de 20 línguas diferentes – o espanhol é uma língua minoritária. As condições dos cortadores eram terríveis. Agora já não há algodão, felizmente. Mas o café segue sendo o cultivo mais importante e há outros novos, que utilizam os mesmos químicos de quando se plantava algodão. Continua-se semeando cana, nas mesmas condições. O mais pobre dos pobres, que só tem a força de trabalho para vender, não é um camponês, é um proletário agrícola, porque não tem nem um pedacinho de terra. É o que chamamos de parceiro, aquele que faz lavouras de campo, a limpa, preparação da terra, colheita. São os trabalhadores do

Yanet Villegas



Julia Margarita Trujillo, coordenadora da escola

café, da banana, da cana. É assim em todos os países da América Central. São os mais mal pagos, as condições de trabalho terríveis. Mas têm seu celular.

**A Frente Sandinista de Libertação Nacional está no governo na Nicarágua e a Frente Farabundo Martí em El Salvador. As condições não mudaram na região?**

Agora, na Guatemala, acabou de ganhar a eleição um dos piores genocidas da guerra dos anos 1980 [Otto Pérez Molina]. De El Salvador, não posso falar muito. Mas na Nicarágua, nós somos sandinistas. E acreditamos que o governo da Frente é diferente dos dos anos de 1980, porque eram outras condições. A Frente Sandinista, hoje, é outra, mas é a força política mais representativa dos interesses dos trabalhadores. Há uma série de programas dirigidos ao campo, sobretudo aos pequenos produtores. São programas também com o apoio da Alternativa Bolivariana para as Américas [Alba], é importante dizer. Os avanços chegaram menos para os proletários agrícolas, pois o governo tem relação com seus patrões, que são empresários – e há diferentes tipos de empresários, uns mais, outros menos, opressores. Aí foi onde a Frente pôde avançar menos. A Nicarágua continua sendo um país capitalista. Se nos declaramos um país realmente socialista, acontece o que aconteceu na Líbia, em Honduras. Somos inimigos do império gringo.

**Quais são suas expectativas com o governo de Daniel Ortega (presidente da Nicarágua), agora que ele tem maioria no Congresso?**

Acreditamos que a base das mudanças sociais tem relação com os níveis de consciência do povo e com a organização. Temos avançado pouco na organização dos proletários agrícolas. A Nicarágua é um país bastante agrícola, mas com pouca população. Aqui uma empresa de 300 trabalhadores é grande. Consideramos que o trabalho da Escola tem que ser muito forte na parte de educação geral, para fazermos propostas de políticas, alianças, para que organizações e instituições possam incidir na educação formal. Trabalhamos também a parte da formação técnica, para melhorar a qualificação dos proletários agrícolas de maneira que possam negociar melhores salários. Acreditamos que podemos crescer sindicalmente, crescer na organização para que possamos ter as bases para cobrar do governo as reivindicações da classe trabalhadora e dos aliados.

**“Que sejam produzidos alimentos de maneira sadia, usando adubos orgânicos ou pelo menos sem fazer queimadas”**

**Há políticas claras em favor da produção familiar na Nicarágua?**

Trabalhamos com a ideia de cadeia de produção de alimentos, que se baseia na produção familiar camponesa, com o enfoque na agroecologia, na soberania alimentar. Buscamos a diversificação da produção familiar. Que sejam produzidos alimentos de maneira sadia, usando adubos orgânicos ou pelo menos sem fazer queimadas. Conseguindo essa diversificação, podemos passar para o nível seguinte, que é a cooperativa. Mas temos que fortalecer primeiro a família, para depois passarmos para o cooperativismo e depois para a união das cooperativas, por espaços geográficos, combinando com o conceito de defesa de terra e território, para então passarmos ao nível nacional. Em todos esses níveis há programas de apoio do governo, como o Fome Zero. Entrega-se às famílias, especialmente às mulheres chefes de família, uma vaca e uma porca prenhas, um galo e cinco galinhas, e ensina-se como fazer adubo orgânico, materiais para cercar a produção. Espera-se que essas famílias paguem, devolvam os filhotes, para que possam ser entregues a outras. Na cidade se dá um crédito para as mulheres de bairros pobres, um crédito a taxas muito baixas, para que possam desenvolver atividades produtivas, como merendas etc. Nossas expectativas são que esses programas sejam de maior impacto, que atinjam mais pessoas. Na Nicarágua há mudanças. Não as que queríamos, mas há. A forma de dizer que as pessoas estão mais ou menos satisfeitas é a forma como saíram para as eleições. Foi uma festa popular, diga o que disser a direita. Víamos a cobertura [sobre as eleições nicaraguenses] da Europa, principalmente, e pensávamos: que país é este? Não parecia a Nicarágua. É porque não somos um país afim dos interesses dos países que são os donos do mundo.